

VIOLÊNCIA POLICIAL ¹

Ana Maria Fabrino Favato
Capitão Psicóloga da PMMG

A revista *Veja*, de 08 de setembro de 1999, traz como título de uma de suas reportagens “Os bandidos das chacinas”, referindo-se a um grupo de matadores da periferia de São Paulo. A reportagem faz um mergulho no mundo da barbárie da Grande São Paulo, onde as quadrilhas transformaram os morticínios em série em uma ocorrência quase banal. Uma sucessão de crimes brutais que poderiam causar indignação a todos os brasileiros é relatada, com a ressalva de que são crimes cometidos rotineiramente.

A expressão “quase banal”, que aparece na reportagem, referindo-se à frequência com que tais atos são cometidos, assusta-nos. Banal refere-se a algo trivial e corriqueiro. Como, então, o que provoca arrepios pela lógica brutal do extermínio pode ser tratado como algo que se repete rotineiramente a ponto de tornar-se banal? A reportagem deixa-nos atônitos com o resultado da pesquisa realizada com doze matadores e causa perplexidade ao constatar que, longe dos morticínios terem uma origem nas guerras entre traficantes, traduzem uma situação bem mais complexa, muitas vezes sem explicação para nós e a polícia, que classifica tais crimes de insolúveis.

Nas declarações dos matadores, a revelação mais surpreendente é a de que todos são casados ou vivem com uma mulher, e têm filhos. Alguns se colocam como cidadãos ordeiros que respeitam a lei e se dizem preocupados com a violência do mundo de hoje. Um dos matadores declarou sentir-se indignado diante das cenas de crime a que seu filho pequeno é obrigado a assistir na televisão.

Não matam por dinheiro, consideram uma covardia “o cara” matar na caixa eletrônica; matam apenas por vingança, ou para “limpar a área”, como é o caso da matança de garotos viciados em crack. Dizem que é como limpar um lixo da rua e afirmam nunca terem matado um inocente. Consideram que Deus pode perdoá-los e que a família, não sabendo nada a respeito do que fazem, terá orgulho por eles serem guerreiros.

Pensei em introduzir o tema da violência por essa reportagem, muito menos para falar de violência das chacinas, que para apontar o motivo ou necessidade da filiação do sujeito a um grupo, não importando o objetivo, e para enfatizar como tal filiação pode levar o sujeito a cometer atos extremamente perversos ou violentos em prol do grupo, com a segurança de ser inocentado por Deus e a sociedade, uma vez que consideram estar agindo a favor da lei. Posteriormente, relacioná-lo-ei à violência do policial.

Em São Paulo, os matadores que atuam no crime organizado não possuem comandos centralizados. São autônomos e formam bandos específicos para cada ação. Freud, em seu texto *Psicologia das massas e análise do eu*, aborda especificamente o fato surpreendente que acontece a um indivíduo quando este incorpora-se a uma massa humana, passando a sentir, pensar e agir de modo absolutamente inesperado. Assim, a personalidade de cada um dos que integram essa massa desaparece, qualidades novas surgem e o indivíduo adquire um sentimento de potência invencível que lhe permite ceder a instintos que antes, como indivíduo isolado, teria forçosamente reprimido. Acrescenta que, quando o indivíduo começa a fazer parte de uma multidão, suprime as defesas de suas tendências inconscientes e desce vários degraus na escada da civilização. Se isoladamente era um indivíduo culto, na multidão age pelo instinto, é um bárbaro. Terá a espontaneidade, a violência, a ferocidade dos seres primitivos.

¹Trabalho apresentado na III Jornada Científica de Psicologia da Polícia Militar de Minas Gerais, 1999.

Embora *Freud*, a partir de pesquisadores, afirme que a massa ou multidão não possui organização alguma ou somente uma organização rudimentar, confessa que nenhum agrupamento humano pode chegar a se formar sem um começo de organização. É condição indispensável para a formação de um grupo ou massa que entre os indivíduos exista algo em comum, que um mesmo interesse os ligue a um mesmo objetivo, que experimentem os mesmos sentimentos e que, ainda, possuam a faculdade de se influenciarem uns aos outros.

Freud continua sua exposição dizendo que numa massa há o desaparecimento da personalidade consciente, com a predominância da personalidade inconsciente e a tendência a transformar imediatamente as idéias em atos. O sujeito não é mais ele mesmo, transformou-se num autômato que deixou de ser guiado por sua vontade.

Contardo Calligaris, ao analisar os laços sociais de uma comunidade, sociedade ou até mesmo de um casal, afirma que a filiação da pessoa a uma instituição representa uma tentativa de garantia da manutenção da neurose do sujeito pela via de uma montagem perversa. Montagem aqui no sentido de mecanismo, em que a seleção de peças de um dispositivo, coordenação de planos e operações são organizadas para que a engrenagem possa funcionar e alcançar o fim a que se destina. Muitas vezes, o fim a que se destina é a realização de uma fantasia neurótica. Todo neurótico sonha em realizar sua fantasia e, se não pode realizá-la sozinho, realizá-la-á coletivamente. Quando se está numa comunidade, a fantasia neurótica pode tornar-se coletiva, havendo aí cumplicidade entre os membros. O essencial para essa posição de cumplicidade é que esse mecanismo ou montagem esteja sem falhas. Essa é a condição para sua continuidade. Quer dizer que poder participar de uma organização sem falhas, compartilhar e realizar seus desejos mais vis e ainda não se sentir culpado é a melhor condição a que um neurótico poderia se submeter. Sozinho, vive se recriminando, torturando-se, culpabilizando-se. Numa organização, ele terá o respaldo de seu grupo e poderá se beneficiar. Há uma exigência de igualdade que, segundo Freud, é a raiz da consciência social e do senso de dever.

Tanto os bandidos perversos quanto os policiais violentos, ou mesmo os assassinos dos campos de concentração, dizem-se bons cidadãos. Nessa condição, os bandidos colocam-se como mocinhos e pessoas de bons sentimentos para com seus semelhantes. Não tem sido comum o seqüestrado acabar por defender o seqüestrador, dizendo ter sido bem tratado, ou até ficar penalizado pelo infortúnio dele? Há sempre uma esperança de encontrar uma bondade essencial no sujeito, de sermos perdoados mesmo quando cometemos um ato de desatino.

Um fenômeno social interessante é comentado por Calligaris a respeito dos crimes de guerra. No processo de Nuremberg, por exemplo, diante das acusações feitas aos criminosos, sempre com horror, das atrocidades cometidas no extermínio de milhões de judeus, as respostas eram totalmente defasadas em relação às perguntas. Os criminosos respondiam às acusações dizendo: “Eu sempre fui um militar exemplar”. Os depoimentos carregados de extensas justificativas, que comprovavam uma conduta individual ilibada como funcionário, como pai e cidadão, não condiziam com as perversidades vistas nos campos de concentração.

O que acontece aqui? Se pensarmos que a pergunta dirigia-se ao sujeito, as respostas estavam realmente de acordo. Não foi isso também o que disse o matador das chacinas, que afirma ser bom cidadão e bom pai ao se preocupar com o futuro do filho pelos exemplos de violência que vê na televisão? O prazer perverso em crimes de guerra ou urbanos, na verdade, não está onde pensamos que está. Não está em matar milhões de pessoas, está na montagem perversa com os outros do partido, do grupo ou instituição. Para obter esse prazer excessivo de subjugar o outro em nome de um ideal grupal, na maioria das vezes autoritário, paga-se qualquer preço, evidentemente. Todos os que praticam violência compartilham a esperança de poder satisfazer seus instintos agressivos um pouco além do permitido, sem por isso macular sua imagem perante sua família, sua comunidade, sua religião.

O que dizer dos atos violentos do policial militar? Sem compará-lo diretamente aos matadores das chacinas ou aos assassinos de guerra, mas ao processo de filiação grupal a que ambos estão submetidos, podemos dizer que os atos de violência do policial militar também representam uma forma de satisfação pulsional neurótica pela via coletiva, com o respaldo, inclusive, da lei. No processo de seleção a novos

candidatos à PM, não raras vezes estamos diante de pessoas que buscam a Polícia Militar como sanção para sua violência ou agressividade, como resposta a uma necessidade pessoal de subjugar o outro, em nome da lei e da ordem social. Também, nos depoimentos da clínica, ouvimos atos de violência velada ou de perversidade dissimulada do policial, que refletem o movimento de cumplicidade entre os membros da corporação.

Recentemente, em conversa informal com um experiente militar aluno da Academia de Polícia, ouvi de suas observações uma preocupação com a violência dos cadetes em dias de jogos no Mineirão. Segundo esse militar, os cadetes fazem uso abusivo do cassetete para conter os torcedores. Tal atitude, a seu ver, traduz o despreparo e a imaturidade do policial e, em seus questionamentos, indaga-se sobre a orientação dada no CEG (Centro de Ensino de Graduação). Como militar em curso na Academia, ele sabe que a orientação para a violência não é apregoada na escola, mas sente que, não sabe como e nem por qual razão, essa violência é assimilada na formação. Cita um exemplo interessante que o fez confirmar sua hipótese.

Em dia de solenidade do “Espadim Tiradentes”, em que alunos do primeiro ano do CEG recebem simbolicamente o título e a condição de cadete - momento importante que representa o início da carreira acadêmica - o militar observa que aqueles cadetes do “curso líder”² considerados boçais e maus exemplos de liderança, que normalmente abusam do poder e que usam perversamente sua influência, eram os mais cotados pelos agraciados a estarem a seu lado nas poses de retrato. Esse quadro deixou nosso interlocutor atônito e perplexo. Foi aí que concluiu que esse tipo de conduta desrespeitosa e violenta é, de uma forma ou de outra, transmitida no meio militar.

Retomando o raciocínio do início deste texto, qualquer grupo, seja de religiosos, políticos, militares ou familiares, serve de abrigo para o homem frente às suas angústias e sofrimento; contudo, serve também para respaldar algum tipo de satisfação pulsional perversa, que se manifesta através de comportamentos corruptos, desviantes, violentos ou maus. Haverá sempre uma tentativa de ultrapassar a lei sem alterá-la, ou de tornar-se exceção ao exceder um pouco mais do que os outros, sem ser visto ou ter de pagar alguma coisa por isso. Quando consideramos uma lei injusta, sentimo-nos no direito de desafiar-la e, muitas vezes, temos o aval para isso.

Freud, em *Mal-estar na cultura*, diz que a substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui passo fundamental da civilização, pois só assim os membros de uma comunidade restringirão sua liberdade e seus desejos para viverem em sociedade. A satisfação sexual e a agressividade serão, portanto, inibidas, para que possamos dar um passo em direção à civilização.

No entanto, conclui pesarosamente que nem a civilização, nem a ciência, nem a religião conseguirão proporcionar felicidade ao homem ou domar seus instintos. Acrescenta que os homens não são criaturas gentis e que o próximo sempre será usado para satisfazer sua agressividade, sempre será explorado em sua capacidade de trabalho sem compensação, sempre será utilizado sexualmente sem consentimento. Apoderar-se das posses do outro, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo revela a face cruel da agressividade humana, diz *Freud*.

A entrada em um grupo ou instituição não se faz sem a restrição de alguma satisfação pulsional ou sem também a obtenção de alguma parcela de segurança. Se temos, por um lado, aqueles que desejam perpetuar seu modo perverso de satisfação pulsional ingressando na PM (e, quando detectados, são recusados no processo seletivo), temos, por outro, aqueles que buscam na inclusão a segurança na contenção de seus impulsos. No último caso, os princípios éticos do grupo falam mais alto. Mesmo assim, temos que avaliar a admissão de um sujeito que busca, nas regras rígidas da PM, o esforço em reprimir sua agressividade. Ele pode não conseguir e ainda encontrar um terreno favorável a manifestações violentas.

² Assim são chamados os cadetes do último ano do Curso de Graduação de Oficiais e que são hierarquicamente superiores aos cadetes dos cursos precedentes.

REFERÊNCIAS

CALLIGARIS, Contardo. *Perversão - um laço social?* Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan. 1986.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. *Psicologia das massas e análise do eu*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

REVISTA da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Ano VI, n. 12. *Psicanálise em tempos de violência*. Porto Alegre: Artes e Ofício.

REVISTA *Veja*. Edição 1614. Ano 32, n. 36 de 08 de setembro de 1999. São Paulo: Editora Abril.